

UM ESTUDO SOBRE O USO DA METÁFORA NA FILOSOFIA DE HENRI BERGSON

A STUDY ON THE USE OF METAPHOR IN HENRI BERGSON'S PHILOSOPHY

VALDEIR PRATES GUARACIABA

Resumo

Este trabalho tem por objetivo analisar o emprego da linguagem metafórica como recurso discursivo à construção conceitual de duração pelo filósofo francês Henri Bergson. Além disso, tentaremos demonstrar como a definição de “contexto” do crítico literário I. A. Richards na obra *The Philosophy of Rhetoric*, de 1936, permite uma compreensão filosófica da concepção de duração no pensamento bergsoniano.

Palavras-chave: Henri Bergson. linguagem metafórica. *The Philosophy of Rhetoric*

Abstract

This paper aims to analyze the use of metaphorical language as a discursive resource for the conceptual construction of duration by the French philosopher Henri Bergson. In addition, we will attempt to demonstrate how the definition of "context" by literary critic I. A. Richards in the work *The Philosophy of Rhetoric*, published in 1936, allows for a philosophical understanding of Bergson's conception of duration.

Keywords: Henri Bergson, metaphorical language, *The Philosophy of Rhetoric*.

INTRODUÇÃO

Henri-Louis Bergson nasceu em 18 de outubro de 1859 em Paris, França, morreu em 04 de janeiro de 1941 na mesma cidade. Foi um filósofo francês que trouxe grandes contribuições para a filosofia contemporânea. Toda a sua vida e formação acadêmica foi passada em sua maior parte em Paris, na França. Em sua juventude escolar demonstrou afinidade com as áreas da ciência e humanas. No período de 1878 a 1881, estudou na *École Normale Supérieure* em Paris, destinada a formação de professores universitários. O seu interesse pela filosofia brota em função da cultura que adquiriu durante a leitura dos clássicos gregos e latinos. A sua trajetória docente começou nas escolas secundárias de Paris em *Angers* 1881 a 1883 e posteriormente por cinco anos em *Clemont-Ferrand*. Tais atividades com o ensino propiciou inspirações para a escrita das suas primeiras obras.

O filósofo Henri Bergson fez uma distinção entre o conceito e a experiência do tempo ao longo de suas principais obras. A marca original do pensamento do autor foi explicitar o “tempo real” como a duração. Ou seja, uma experiência humana do tempo apreendida de forma imediata pela intuição. É o próprio movimento do pensamento que permite percebermos o real, o vivo e em contato conosco. Por isso, o pensamento é a via instrumental de interpretar uma realidade. Mas como representar esta realidade movente ao nosso entendimento?

Podemos considerar a metáfora como um recurso discursivo de natureza poética ou retoricamente ambicioso do uso de palavras. O filósofo aplica este recurso metafórico como forma relevante de expressar o entendimento de uma realidade em contínua transformação.

O autor demonstra na sua escrita uma experiência profunda do seu próprio pensamento ao descrever suas implicações filosóficas. Assim sendo, entendemos que o seu uso é figurativo em vez de literal. Extrairemos alguns trechos de *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, de 1889 e *Introdução à Metafísica*, de 1903 para exemplificar o uso metafórico da linguagem por Henri Bergson.

A LINGUAGEM METAFÓRICA

Ao longo de *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, de 1889, nos deparamos com uma série de metáforas. Percebemos o uso desta figura de linguagem em Bergson, como uma forma de extrair um conteúdo filosófico a partir de seus argumentos para uma representação conceitual de duração. Neste sentido, o uso da metáfora pelo autor é utilizado como recurso filosófico e interpretativo para a sua obra. Tal recurso confere um novo sentido ilustrativo como exercício da experiência do ato de filosofar.

Em nossa leitura preliminar da obra *The Philosophy of Rhetoric*, de 1936, do crítico literário I.A. Richards, o autor apresenta sua tese da metáfora como uma transferência normativa entre contextos. Mas como podemos definir a palavra contexto? Segundo o próprio Richards, em umas de suas conferências, atribuir o sentido familiar do “contexto” é relevante para a nossa interpretação. Podemos exemplificar como relevante a forma na qual interpretamos os próprios eventos da natureza. Para o crítico literário, ao estabelecermos uma causalidade, isto é, dois eventos onde um acontece após o outro, atribuímos ao primeiro a sua causa e o segundo seu efeito. Temos uma sucessão de acontecimentos que seguem um após o outro.

No entanto, Richards adverte que os dois podem acontecer juntos (simultâneos). E questiona como poderíamos dividir os eventos. Como pode coexistir a existência de um evento terrestre e o “tique-taque” do relógio e assim sucessivamente? Segundo o crítico, atribuímos aos termos *causa* e o *efeito* uma interpretação circunstancial dos acontecimentos.

“„, distribuímos os títulos de causa e efeito como queremos. Não queremos dizer que a noite causa o dia ou o dia causa a noite. Preferimos dizer atendendo as condições que a rotação da terra é a causa de sua sucessão. Nós somos especialmente arbitrários na escolha da causa de todo o grupo, ou contexto de condições de eventos anteriores e posteriores que saem juntos”. (RICHARDS, [1936] 1965, p.33)

Nesta passagem, Richards demonstra que a interpretação de tais fenômenos naturais se faz de maneira aleatória entre diferentes tipos de contexto. Para o autor, o sentido geral de contexto é um nome para a “representação do conjunto de eventos”, incluindo também as condições necessárias como qualquer coisa que possamos escolher como causa e efeito (Ibid, ibidem, p.34).

A metáfora para Richards é uma transação entre contextos. Podemos perceber que a metáfora faz um papel de intermediação entre os diferentes contextos. A sua importância é a funcionalidade que ela pode contrair. Ou seja, o uso da linguagem metafórica apoiada por

uma palavra ou frase, cujo significado é a resultante de sua interação. O pensamento e o uso de metáforas estão intimamente relacionados na construção do contexto.

“... a metáfora parece ser uma questão verbal, uma mudança e deslocamento de palavras, enquanto fundamentalmente, é um empréstimo entre uma relação de pensamentos, uma transação entre contextos. O pensamento é metafórico e prossegue por comparação, e as metáforas da linguagem derivam dela. (RICHARDS [1936] 1965, p. 94)

Em Bergson, podemos por um “esforço de imaginação” compreender a intermediação entre o que é pensar o real para descrevê-lo e a própria experiência vivida que temos da realidade. O uso da linguagem metafórica transfere o significado de conceitos para o real, o que é movente, a realidade que flui. Neste sentido, podemos aproximar o filósofo francês por uma análise comparativa do uso da metáfora que Richards emprega como transação de “contextos” à aplicação filosófica.

A metáfora em Bergson não é tomada como método de investigação gramatical, mas como um recurso discursivo para a defesa de suas implicações filosóficas que se “aproximam” da realidade movente.

Podemos pressupor, até o presente momento do nosso trabalho, apenas um esboço de compreensão da metáfora como um recurso de interpretação que permite a mudança de significado contraído em outro “contexto”. Ou melhor, buscar o entendimento por “uma clarificação de nossa habilidade de compreensão da metáfora”. (GURGEL, 2017, p.366)

No percurso dos escritos de Bergson, podemos notar o uso da metáfora como um recurso adaptado à expressão do movimento, do fluxo contínuo. Ao exemplificar no segundo capítulo do *Ensaio*, a “metáfora da melodia”, o filósofo procura estabelecer um efeito de aproximação das notas musicais com a ideia de tempo como *duração*. A contemplação da melodia de uma música é a expressão fiel da experiência do tempo, onde as notas desta mesma melodia se juntam em plena harmonia e constituem a fluidez de um todo indivisível que é a própria duração. A música revela o processo de síntese contínua ao percebermos a fusão das notas em “solidariedade” na pura melodia. Assim, o conceito de tempo como duração é tomado como um dado imediato da consciência, ou seja, uma experiência psicológica. A nossa consciência faz o papel de intermediador quando harmoniza as partes num todo, a exemplo das notas musicais, propiciando em nós a experiência do tempo enquanto duração interior.

“A duração totalmente pura é a forma que a sucessão dos nossos estados de consciência adquire quando o nosso eu se deixa viver, quando não estabelece uma separação entre o estado presente e os anteriores. Não há necessidade, para isso, de se absorver completamente na sensação ou na ideia que passa, porque então, ao invés, deixaria de durar. Também não tem que esquecer os estados anteriores: basta que, lembrando-se desses estados, não os justaponha ao estado atual como um ponto, mas os organize com ele, como acontece quando nos lembramos das notas de uma melodia, fundidas num todo. Não se poderia dizer que, se as notas se sucedem, apesar de tudo, as percebemos umas nas outras, e que o seu conjunto

é comparável a um ser vivo, cujas partes, se bem que distintas, se penetram exatamente pelo próprio efeito da sua solidariedade?” (BERGSON, [1889] 1988, p.72)

O filósofo consegue então aproximar a mobilidade pura da nossa experiência psicológica do tempo recorrendo à metáfora da melodia. Eis porque ele se comunica e expressa assim por meio de metáforas. A experiência de ouvir a composição musical possibilita o entendimento conceitual do tempo por Bergson.

Ao fazer o uso da linguagem metafórica o autor aproxima-se fielmente da verdadeira duração que é a mobilidade do tempo. Neste caso, a metáfora permite a transferência do uso de um termo conferido de sentido, para um determinado contexto que não pode ser aplicado. O nosso esforço de imaginação possibilita tal compreensão do recurso discursivo e a construção de sua representação. O termo *contexto* aqui se aproxima, em nosso entendimento, à definição de Richards. Ou seja, atribuímos a ideia de contexto a um evento musical para garantir a representação da nossa experiência do tempo em fluxo contínuo.

O desafio que Bergson propõe é que possamos entender por meio do uso de metáforas o movimento em sua verdadeira fluidez. Tal é a concepção de tempo como duração. No entanto, quando tentamos expressar pela linguagem qualquer tipo de movimento, não será propriamente a mobilidade que iremos expressar. Pois, para o filósofo a linguagem cristaliza toda a ideia de fluidez contínua no seu estado puro. Eis porque a sua crítica a linguagem como apenas uma representação simbólica do espaço. A duração real exclui toda a ideia de justaposição das coisas ou objetos no espaço.

Em Bergson, podemos dizer que uso da linguagem metafórica nos seus escritos filosóficos exerce um papel de intermediação entre o seu pensamento e a realidade movente. O estilo, a beleza da escrita com o uso de metáforas, caracteriza a marca original do pensamento bergsoniano. Como observa Trindade e Laplantine:

A figura metafórica, nesse caso, torna-se concreta, consubstancializando-se como real: a mulher que é queimada pela chama da paixão, ou a que é bondosa como um anjo, parece aos outros ter asas e levitar. Pessoas choram lágrimas de sangue. (TRINDADE; LAPLANTINE, [1997] 2010, pp.42-43)

No ensaio *Introdução à Metafísica*, de 1903, Bergson apresenta sua crítica à linguagem por ela não conseguir traduzir o que é real em sua mobilidade. O autor ampara a sua crítica no exemplo da figura humana. Como podemos conhecer os traços de uma pessoa? Os pontos de vistas fornecidos sobre esta pessoa só podem fazer-nos conhecer por comparações de outras pessoas conhecidas. Assim sendo, são os signos que exprimem simbolicamente o fato de conhecer a pessoa. De acordo como autor, os símbolos e pontos de vistas nos colocam fora da pessoa, conhecendo somente o que tem de comum com outras pessoas e não a própria pessoa em sua essência¹.

Para Bergson, o uso da linguagem por símbolos é o que diferencia o conhecimento científico do metafísico. A sua descrição, história e análise deixam marcas do relativo e não

¹ Segundo Bergson, “somente a consciência com a própria pessoa nos daria o absoluto”. BERGSON, H. *Introdução à Metafísica*. In: Os Pensadores. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974; p.14



o absoluto como verdadeiro conhecimento metafísico. Um poema traduzido como o de Homero em todos os idiomas, retoca apenas nuances para refletir uma imagem fiel do poema traduzido, mas nunca será capaz de captar o sentido interno do poema original.

Segundo o autor, o absoluto é perfeito no sentido de que é perfeitamente o que é, e só podendo ser concebido a partir da intuição. Eis porque o filósofo considera a construção de conceitos pelo uso da linguagem como forma ineficaz para expressar a essência do real.

“... os conceitos colocados um a um nos fornecerão sempre apenas uma recomposição artificial do objeto, do qual só podem simbolizar certos aspectos gerais e de alguma forma impessoais: será, pois, em vão que acreditaremos apreender uma realidade de que eles se limitam a apresentar-nos a sombra” (BERGSON, [1903] 2005, p.18)

Para o autor, a intuição é um ato simples do espírito, a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto e coincide com o que ele tem de indescritível. A análise é apenas uma tradução, um desenvolvimento em símbolos impresso pela linguagem. A sua representação é feita a partir de pontos de vistas sucessivos que notamos no objeto novo e em outros que pressupomos conhecer. Neste caso, a metafísica é a ciência que solicita a dispensa de símbolos, como meio de possuir a realidade absoluta, em vez de conhecer de maneira relativa.

O filósofo francês faz referência à existência de uma realidade interior em nós apreendida a partir da intuição e que se desdobra no fluxo temporal da duração. Por mais que não simpatizemos com outras pessoas, seguramente simpatizamos conosco. O desenrolar de nossa duração se faz continuamente. A vida interior é uma variedade de qualidades, continuidade de progresso, unidade de direção e que não poderia ser representada por imagens.

Segundo Bergson, em relação à duração, não poderíamos representá-la por conceitos, por idéias abstratas, ou gerais, ou simples. Nenhuma imagem reproduzirá o sentimento original que tenho do escoamento temporal de mim mesmo. O uso da linguagem metafórica é a que aproxima de uma representação vivenciada da duração.

Os conceitos são símbolos que sobrepomos ao objeto que simbolizam, sem exigir esforço de nós, retendo apenas o que é comum aos objetos. Cada objeto exprime uma comparação com outros semelhantes. Ao fazermos uma comparação, uma semelhança como propriedade do objeto que parece ser parte do objeto, persuadirmos de que justapondo conceitos a conceitos configuraremos a totalidade do objeto com suas partes para obtermos um equivalente intelectual.

“Pensar consiste, ordinariamente, em ir dos conceitos às coisas, e não das coisas aos conceitos. Conhecer uma realidade é, no sentido usual da palavra ‘conceito’, tomar conceitos já fabricados, dosá-los e combiná-los até que obtenhamos um equivalente prático do real”. (BERGSON [1903] 2005, p.24)

Bergson adverte que nós acreditamos formar uma representação fidedigna da duração equiparando os conceitos de unidade, multiplicidade, continuidade, de divisibilidade finita

ou infinita. Essa representação da duração é somente uma “armadilha da ilusão”. A imagem mais fidedigna do desenvolvimento da duração é o próprio movimento, em sua mobilidade pura. Segundo Bergson, os pontos não estão no movimento, nem sob o movimento. Não podemos considerá-los como posições, mas suposições, aspectos ou pontos de vista do espírito. A nossa maneira de raciocinar sobre o movimento, não deixa de ser uma ilusão enraizada em nosso espírito.

A forma de descrever a verdadeira realidade movente com expressões metafóricas permite-nos entender a “aproximação” com o real. Segundo a *Enciclopédia Eunadi*;

“Todo o raciocínio filosófico ou teológico, em lugar de se iniciar por uma metáfora que no fim deverá ser eliminada, tentará apresentar as razões que vão justificar a preferência conferida, em última análise, a determinada analogia em detrimento de uma outra. É neste contexto que se deverá falar de ‘verdade metafórica’, aquela que exprime o real da maneira mais adequada. (BARTHES & MARTY, 1987, pp.209-210)

CONCLUSÃO

Bergson ao usar metáforas procura descrever as coisas do mundo real, dada pela experiência imediata. Fracassamos ao reconstituir a realidade viva com conceitos rígidos e pré-fabricados, o que não nos impede de apreender a realidade viva de outra forma. A concepção de tempo como duração, via recurso metafórico, estimula nossa imaginação ao aproximarmos sobre o que o filósofo pensou para descrever a mobilidade do real. Neste sentido, o esforço de imaginação e o sentimento são inerentes a criação de sentidos metafóricos. Compartilhamos da descrição na *Enciclopédia Einaudi* de que:

“... a ambigüidade da metáfora, a multiplicidade dos seus aspectos, pode fecundar o pensamento, impulsionando-a para direções diferentes: menos precisa do que a analogia, ela exerce um efeito mais poderoso na nossa imaginação e na nossa emotividade”. (BARTHES & MARTY, 1987, p.211)

Assim sendo, o emprego de metáforas pelo filósofo Henri Bergson adquire uma extrema importância para o exercício de nossa imaginação. Uma vez que, a linguagem metafórica suaviza os “conceitos rígidos” que formulamos para a compreensão da realidade. O verdadeiro entendimento que temos do tempo, como duração, é a nossa própria experiência da realidade contínua.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA



BARTHES, Roland; MARTY, Eric. Analogia e Metáfora _____. In: *Enciclopédia Einaudi* - Oral/escrito. Argumentação. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987. v. 11.

BERGSON, Henri. [1889] *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*, Lisboa: Edições 70, 1988.

_____. [1903] *Introdução à Metafísica*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005.

GURGEL, Diogo de França. Da metáfora em sua face retórica. *Griot : Revista de Filosofia*, Amargosa, Bahia – Brasil, v.15, n.1, junho/2017. Disponível em: <<http://www.ufrb.edu.br/griot>>. Acesso em: 20/12/2017.

RICHARDS, I.A. *The Philosophy of Rhetoric*. Oxford: Oxford University Press, 1936.

TRINDADE, Liana e LAPLANTINE, François. [1997] *O que é imaginário?* São Paulo: Brasiliense.